

## A MOTIVAÇÃO E OS ALUNOS DO VETOR

*Rubem Bernardes*

O tema da motivação passa a ter interesse com relação aos estudantes do VETOR quando se constata o fato de que alguns desses alunos abandonam o curso de preparação ao vestibular que lhes é propiciado gratuitamente, graças à generosidade solidária de um grupo de universitários e professores voluntários.

A questão que tem inquietado o integrantes do projeto pode ser formulada assim: o que os leva à perda da motivação e ao conseqüente abandono do curso?

E derivada desta questão surge outra: esses alunos perderam o interesse pelo curso em si, com suas exigências, ou pela formação universitária e pela carreira pretendida?

As reflexões que se seguem tentam aventar hipóteses para este problema e que possam contribuir com algum subsídio para um programa de apoio motivacional aos estudantes.

### **Um conceito diferencial de motivação**

A motivação tem sido objeto de acurados estudos por numerosos teóricos, dentre os quais sobressaem, Maslow (1970), Herzberg (1966), Atkinson (1978), McClelland (1961), Vroom (1964), sem falar nos filósofos e psicólogos, incluindo Freud e Viktor Frankl, cuja visão ultrapassa os aspectos meramente comportamentais para aterem-se a dimensões existenciais da motivação humana. Numa noção simplificada, a motivação constitui o conjunto de *fatores que provocam, canalizam e sustentam o comportamento do indivíduo*.(Stoner 1994). É uma noção centrada no mundo empresarial.

O tema teve relevo especial para especialistas do desenvolvimento organizacional, como Mc Gregor (1960), Chris Argyris (1960), Elton Mayo e muitos outros que centraram seu interesse no desempenho dos empregados, tendo em vista a produtividade, e os interesses da empresa. Hoje há um amálgama dessas teorias centrado em uma visão mais sistêmica da motivação (exemplo: Lyman Porter e Raymond Miles 1974, dentre outros), onde são considerados: o indivíduo com suas múltiplas e complexas dimensões bio-psico-sociais, as características e o conteúdo do trabalho desempenhado e o próprio ambiente do trabalho.

Diferente do conceito clássico, no caso dos alunos do VETOR a motivação se expressa, de uma forma imediata, pelo interesse e entusiasmo com o curso de preparação ao vestibular; ela sobrevive na perseverança e no esforço rumo à conquista de um curso universitário que lhes abrirá possibilidades profissionais mais satisfatórias.

O que move esses alunos a se empenharem, com visíveis sacrifícios, ao estudo das disciplinas do pré-vestibular, não é exatamente um trabalho específico em uma empresa (teoria do processo), nem a resposta a necessidades insatisfeitas (teoria do conteúdo), onde uma baixa motivação leva a um baixo desempenho e à perda de produtividade.

Antes, o olhar desses alunos está fixado em um horizonte mais distante, onde vislumbram um futuro mais significativo para as suas vidas. Esse futuro passa por um curso acadêmico que lhes dará uma habilitação profissional, esta sim, o seu ponto de chegada. Este ideal, na verdade, não passa de uma

representação psicossociológica de um status superior e diferenciado, capaz de guindá-los a um mundo de maiores possibilidades. No ocidente, de um modo geral, o saber é uma via para ascensão social.

Toda motivação tem atrás de si um desejo. Enquanto aquela implica um movimento de busca, este é a energia que impulsiona o indivíduo na direção do objetivo ou, por vezes, a se meter em missões impossíveis. Por quê? Porque *na raiz de todos os desejos do homem está sua indigência essencial e sua necessidade fundamental de possuir “a vida na plenitude” e na eclosão de seu ser* (Dufour, X.J.- Dictionaire de théologie biblique – Paris, Ed. Cerf – 1970)

Mas bem lá no fundo da alma desses jovens há o desejo de buscar algo que corresponda ao seu anseio de ser, de estar no mundo, de encontrar um sentido para a sua vida através de suas potencialidades. Não se trata apenas, como afirmam os teóricos da motivação do tipo Maslow, de dar uma resposta a necessidades psicossociais ou de simples realização pessoal-profissional. Por trás dos motivos conscientes há sempre um desejo. Aliás, como diz Spinoza, *o desejo é a essência do homem* (Ética III def. 1). Ou, em outra formulação: *o homem é fundamentalmente desejo de ser... e desejo é a falta.* (Sartre – O Ser e o Nada), *é o que não temos, o que não somos, o que nos falta... eis o objeto do desejo e do amor*, completa Platão em seu diálogo de *O Banquete*.

Colada no desejo está a esperança. Esperança de alcançar o objeto do desejo, de ganhar, enfim e sempre, de ser feliz. Mas o destino nos mostra que, para nosso azar, só esperamos o que não depende de nós. Em compensação só queremos verdadeiramente o que depende de nós (do contrário, não passaria de um mero desejo do que nos falta).

Em suma: desejo, motivação e esperança são três as faces de uma mesma pirâmide: diferentes entre si, mas idênticas na finalidade de se unirem no ápice. Se uma delas se deteriora, as outras duas desmoronam.

### **A desmotivação**

Voltando aos alunos do VETOR: o que se passa com aqueles que se desmotivam? Por que alguns esmorecem nessa busca?

As justificativas correntes para a desistência referem-se a problemas de aprendizagem dos conteúdos por falta de embasamento, a dificuldades financeiras da família, à falta de certas condições básicas relativas ao ambiente doméstico. Para além desses motivos, percebe-se em muitos desses estudantes uma insidiosa perda de energia interior que os impulsionava a enfrentar o desafio.

Na verdade, essa etapa da vida de um aluno os coloca frente a frente a um mundo competitivo, no qual eles têm que fazer suas próprias escolhas, valendo-se de suas capacidades e tendo que assumir sozinho a responsabilidade pelos resultados.

Talvez essa súbita tomada de consciência cause em alguns um sentimento de medo ou mesmo de desamparo, que paralisa sua esperança e a vontade de enfrentamento. Toda a esperança traz também um temor: o temor de que não aconteça o desejado. Aqui, trata-se do temor de não superarem as exigências desta etapa. Suspeita-se que para muitos a força emanada do objetivo pretendido tenha sido vencida pelas energias negativas dos obstáculos que se lhes antepuseram. Mesmo o exemplo dos que, heroicamente, estão superando os desafios, e que parecem providos de uma energia combativa inesgotável, não consegue demover os colegas desistentes.

É nesta fase que os psicólogos da organização se dispõem a prestar o apoio a esses alunos.

### **Para esta perda de impulso, o que se pode fazer?**

A ajuda possível aos que estão em vias de desistir do curso se concentra na avaliação dos motivos alegados e na tentativa de encontrar saídas para a superação dos obstáculos. Busca-se, juntamente com o estudante, descobrir as causas (ou a origem) do problema.

Há situações que requerem uma mudança de direção e de planos na vida: a necessidade de trabalhar e outros motivos pessoais. Mas muitas vezes esta perda de pique pode estar ocultando motivos não visíveis ou inconscientes. Assim, por trás de um sentimento de falta de competência, por exemplo, são alimentadas certas crenças autodepreciativas, originadas de experiências negativas da infância. Tais crenças se cristalizam em verdadeiros esquemas de comportamentos desadaptativos que vão se manifestando ao longo da vida. Exemplos de “esquemas”: o sentimento de incapacidade de alcançar seus objetivos, de incompetência para lidar com responsabilidades e tomar decisões, de abandono/instabilidade, de isolamento social/alienação, de subdesenvolvimento do eu e outros mais. Tais esquemas são responsáveis pela maneira como a pessoa encara a vida, condicionando o seu modo de pensar habitual.<sup>1</sup>

Basicamente, atuação dos psicólogos do VETOR recorrerá às técnicas do Aconselhamento Psicológico (que no caso, irá de uma a três sessões), sugerindo, se necessário, a busca de uma forma de terapia com outros profissionais. Sabe-se que existem serviços de psicologia disponíveis em universidades bem como em diversas comunidades e paróquias.

De qualquer forma, como fruto de uma avaliação conjunta da situação-problema, o Aconselhamento Psicológico tentará traçar propostas alternativas, dentro da realidade possível do estudante, com vistas à retomada do interesse pelo curso. E isto, muitas vezes, implicará uma reestruturação de seus pensamentos e de seu comportamento, tocando em crenças e esquemas de vida já quase sedimentados.

A avaliação das causas que cercam a desmotivação se detém principalmente em duas situações:

- 1) a perda da atratividade do objetivo profissional ou acadêmico,
- 2) o esvaziamento do impulso interior (vontade de se empenhar na busca do objetivo).

No encontro individual com o aluno, indagam-se, assim, sobre as questões que se seguem.

### **Indagações prévias sobre meta de vida e objetivo profissional**

- Haveria uma vontade séria e firme de buscar um curso universitário específico e uma profissão?  
Quais as razões da escolha da carreira futura?
- Como e quando surgiu o interesse pelo curso universitário escolhido?
- Há um projeto de vida por trás da escolha da futura profissão?

---

<sup>1</sup> Para aprofundar este assunto, ver autores de Terapia Cognitiva e Comportamental, como: Aaron Beck, Arthur Freeman, Judith Beck, Denis Greenberger e outros.

- Qual o grau de certeza de que é este o melhor curso para você? Por quê?
- Olhando para frente, para o seu futuro, você se sente seguro e animado para levar a frente o seu projeto de vida, até o fim? Por quê?

### **Indagações quanto à perda de interesse pelo objetivo**

- O que o levou a mudar de idéia quanto à carreira visada?
- Surgiu o interesse por outra meta mais conveniente?
- Surgiram obstáculos que impedem continuar no VETOR?

Inicialmente, cabe esclarecer se o estudante está apenas querendo desistir da frequência ao VETOR ou se do curso universitário.

É importante conhecer as circunstâncias ou acontecimentos que levaram à mudança do foco de interesse pessoal-profissional, porque tais mudanças permitem desvendar determinados traços de personalidade e, até certo ponto, as atitudes e tipos de reações face aos acontecimentos do mundo real. Podem também mostrar o aspecto positivo de alguém que está à procura de algo que lhe corresponda melhor, ou que esteja vivendo certa inquietude existencial, herdada do ambiente familiar. Vê-se que são muitos os caminhos na encruzilhada da motivação.

### **Indagações quanto à perda do impulso interior (motivação)**

- O que se passa para que tenha arrefecido no entusiasmo em estudar para vencer o vestibular? Desânimo? Tédio? Perda do sentido pessoal? Dificuldades de aprendizagem? Falta de base? Falta de ambiente para estudar mais? Problema com o pessoal do VETOR?

Ainda assim, há ainda questões a responder:

- A perda de interesse é definitiva ou temporária?
- Os obstáculos ou as situações restritivas são passageiros? São contornáveis?

### **Reflexões finais**

Ao lado do desejo de compreender o que se passa com o aluno desistente, o trabalho psicológico investirá, no limite do possível e da realidade em apreço, na restauração da esperança. Será muitas vezes necessário operar uma verdadeira conversão do desejo, de modo a fazer com que o aluno tente aprender a desejar o que depende dele, isto é a colocar sua vontade e sua ação nessa busca do futuro e do sucesso.

Além disso, a motivação é um ato de razão, mais do que simples emoção. Quem se motiva para caminhar para uma direção, a perseguir uma meta definida, o faz porque vê razões para tal. Mas quem

se diz motivado por pura emoção fracassará com certeza. A motivação sempre será algo pessoal e intransferível. É preciso lembrar ao estudante que sua adesão ao desejo de alcançar seu objetivo implica também um compromisso consigo mesmo, com o seu destino e com o sentido que ele tenta encontrar para a sua vida. Aliás, ninguém fará as escolhas que ele terá que enfrentar. Além disso, a gente sabe que a vida não oferece certezas, mas oferece inúmeras possibilidades de ser, de estar aí como alguém que tem valor, que não se sinta perdido na massa, insatisfeito consigo e com a sua sorte, vazio, ou até mesmo mergulhado em sofrimento físicos, psicológicos e espirituais. Mas nós, psicólogos, temos que atentar para não deixar que seja amputada a esperança de quem está mergulhado na incerteza. Afinal, tudo isto significa ser humano.